

## Bullying na escola: desafios e enfrentamento

Aristeu Bento de Souza<sup>1</sup>; Clóvis de Souza Dias<sup>2</sup>; Aldie Trabachini<sup>3</sup>; Antonio Cesar Silva Sacco<sup>4</sup>; Otávio Jorge de Moraes Júnior<sup>5</sup>

**Resumo** - Este trabalho trata do tema *bullying* escolar e os desafios e possibilidades da sua prevenção no contexto escolar. O *bullying* é uma forma de violência que ocupa cada vez mais espaço nas notícias, preocupando pais, educadores e a comunidade. Manifesta-se como um fenômeno recorrente de longo prazo, causando sérias consequências na vida dos envolvidos. Realizou-se estudo bibliográfico e buscas nas principais bases de dados BVS, SciELO, PePSIC e LILACS. Destacou-se a necessidade de enfrentamento e prevenção, apontando medidas específicas em cada realidade e demonstrando que esse fenômeno engloba aspectos sociais, familiares, escolares e pessoais.

**Palavras-chave:** Escola; Violência; Sofrimento; Prevenção; Enfrentamento.

**Abstract** - This work deals with the theme of school bullying and the challenges and possibilities of its prevention in the school context. Bullying is a form of violence that occupies more and more space in the news, worrying parents, educators and the community. It manifests itself as a recurrent long-term phenomenon, causing serious consequences in the lives of those involved. A bibliographical study and searches were carried out in the main databases BVS, SciELO, PePSIC and LILACS. The need for coping and prevention was highlighted, pointing out specific measures in each reality and demonstrating that this phenomenon encompasses social, family, school and personal aspects.

**Keywords:** School; Violence; Suffering; Prevention; Confrontation.

### 1. Introdução

O presente trabalho se delinea sobre o tema do *bullying* escolar. Esse tema, embora tenha uma nomenclatura recente, foi usado somente a partir da década de 1980, configurando-se como um problema com origens muito mais antigas e profundas que permeia a sociedade e o contexto humano em geral (MATA, 2019).

O *bullying* sofrido no ambiente escolar tende a trazer consequências negativas para o aluno. Os prejuízos podem interferir nos aspectos psicológicos e sociais durante e após o período escolar, estendendo-se para a vida adulta.

---

<sup>1</sup> FATEC São Roque; aristeu.souza@fatec.sp.gov.br

<sup>2</sup> FATEC São Roque; clovis.dias@fatec.sp.gov.br

<sup>3</sup> FATEC São Roque; aldie.trabachini@fatec.sp.gov.br

<sup>4</sup> FATEC São Roque; cesar.sacco@fatec.sp.com.br

<sup>5</sup> FATEC São Roque; otavio.moraes@fatec.sp.gov.br

Por se tratar de um tema complexo e com tantos desdobramentos, tendo em vista que se deve considerar toda a conjuntura holística que envolve vítimas e agressores para compreender a dinâmica de construção e manutenção das práticas de *bullying*, acredita-se que seja essencial à ótica dos profissionais da educação, ter uma atuação focada de forma ética no entendimento dos múltiplos condicionantes para sofrimentos humanos, e assim ter um melhor acolhimento a tal demanda, podendo por sua vez propor mecanismo de prevenção e enfrentamento mais eficazes para todos os sujeitos envolvidos.

Abordar o tema do *bullying* no contexto escolar, bem como fora da escola é de fundamental importância, uma vez que possibilita um olhar mais apurado sobre os problemas que envolvem esse fenômeno. Nessa perspectiva, torna-se relevante, uma vez que contribui na ampliação desse conhecimento, possibilitando a identificação e a intervenção de forma mais precoce.

Torna-se igualmente relevante que profissionais que estão diretamente envolvidos nesse tema compreendam a dimensão do problema e criem condições de prevenir ou minimizar o impacto que esse fenômeno produz.

Também possui relevância na busca de soluções para esse problema. Dessa forma, possibilita contribuir na necessidade de criação e implantação de políticas públicas eficazes no combate do *bullying* nas escolas, reduzindo as consequências negativas para a comunidade.

Dito isto, o presente projeto de pesquisa visa compreender os desafios e enfrentamentos necessários ao *bullying* nas escolas. Para tanto, se faz necessário contextualizar os aspectos gerais que caracterizam esse fenômeno na comunidade escolar, refletindo acerca de sua prevenção. Isso possibilita a discussão sobre como a escola pode trabalhar no intuito de dirimir ou reduzir comportamentos de *bullying* entre os estudantes.

## **2. Metodologia**

A metodologia utilizada para execução deste estudo foi a pesquisa bibliográfica, análise e descrição do tema em busca de respostas sobre a importância de compreender o *bullying*, seus aspectos envolvidos, bem como as contribuições da psicologia na sua prevenção.

Foi realizada busca na literatura utilizando-se de livros e artigos publicados em bases de dados sobre a saúde nos últimos anos (2010-2020). Foram considerados os artigos existentes nas bases de dados virtuais: BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), SciELO (ScientificElectronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) que atenderam aos seguintes critérios: publicados em língua portuguesa e que se referiam sobre o tema em foco.

## **3. Desenvolvimento**

### **3.1 Definição de *bullying* escolar**

O *bullying* é um fenômeno caracterizado pela violência física ou verbal que tem como alvo uma ou mais vítimas, ocorrendo de forma repetida e intencionalmente. Esse fenômeno começou a ser pesquisado na Suécia na década de 1970. No Brasil, começou a ser discutido na década de 1990, mas a partir de 2005 esse tema passou a ser divulgado em artigos científicos (LOPES, 2005).

O *bullying* é um fenômeno que em termos gerais envolve violência e pode ser expresso basicamente através de três formas, sendo elas: agressões físicas diretas, agressões verbais diretas e agressões indiretas. O foco consiste em ferir e magoar a vítima (ZEQUINÃO et al, 2016).

Segundo Marcolino et al (2018, p. 2) a origem do termo *bullying* é inglesa e “remete a ações de agredir, intimidar, maltratar e atacar o outro, pautadas em uma relação desigual de poder, visando inferiorizar a vítima produzindo exclusão social”.

Diversos estudos buscam identificar os fatores que contribuem para o surgimento e o estabelecimento do bullying e o perfil dos envolvidos. Diante dessas relações estabelecidas identificaram-se relações fortes entre o *bullying* escolar e a violência doméstica. Em relação ao perfil dos participantes, há bullying entre meninos e meninas, sendo necessário que os professores estejam atentos à situação em sala de aula e em toda a escola (NIKODEM; PIBER, 2011).

Segundo Silva (2010) ao ser realizado uma pesquisa sobre o *bullying* na escola relacionado ao gênero, encontrou-se dados significativos. Ocorre com maior frequência entre meninos que atuam de forma mais agressiva e direta, trazendo consequências físicas. Já as meninas atuam de forma mais sutil, envolvendo geralmente o *bullying* através de expressões verbais. O autor destaca a necessidade de observar as ocorrências do *bullying* e as brincadeiras típicas de cada idade escolar.

Como características principais, o *bullying* se destaca pelo seu teor de persistência e intencionalidade. A agressão não resulta de uma provocação, não é ocasional, geralmente há um contexto de plateia, ou seja, além do agressor e vítima, alguém que visualize passivamente a agressão. Há uma discrepância de poder entre vítima e agressor, embora seja um grupo de pares (ZEQUINÃO et al, 2016).

Pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem realizada no Brasil em 2018 apresentou dados acerca do *bullying* nas escolas brasileiras em que apontou que cerca de 28% das escolas, especialmente nos últimos anos do ensino fundamental, ocorriam pratica de *bullying* de forma semanal ou diária. No ensino médio essa média caía para 23%. Todavia, tais números são relativamente altos se comparados com a América Latina (13%) e com outros países como Emirados árabes (6%), Eslovênia e Turquia ambos com apenas 5% (INEP, 2019).

Uma pesquisa divulgada pelo Instituto de Geografia e Estatísticas (IBGE) destacou que o bullying ocorre nos meninos numa frequência de 6% e nas meninas 4%. A pesquisa realizada no Brasil contou com o número de 60.973 alunos distribuídos entre as 1453 escolas pesquisadas. A pesquisa não encontrou diferenças significativas entre as escolas públicas e privadas (MALTA, et al., 2010).

Para Marcolino et al (2018) o bullying já se tornou um problema de saúde pública. Desde 1980, quando o fenômeno começou a ser investigado, há aumento significativo de casos e, também, aumento significativo das consequências advindas, incluindo até mesmo o suicídio decorrente entre crianças e adolescentes.

Em 2015, por meio da lei nº 13.185, institui-se no Brasil o “Programa de Combate à Intimidação Sistemática *bullying*”, que além de classificar os tipos de praticas que podem ser caracterizada como *bullying*, objetiva que o combate deve partir de orientação educacional de conscientização junto a sociedade como um todo, observando a importância de capacitar profissionais que lidam diretamente com o fenômeno (professores), pais e familiares; assim como assistência psicológica e jurídica para vítimas e agressores, orientando estes últimos para

responsabilização e mudança comportamental, em detrimento da punição (BRASIL, 2015).

Desse modo, o entendimento jurídico abre possibilidade para criminalizar comportamentos de *bullying* e *cyberbullying*. Todavia, na contramão, Mata (2019) destaca que, na perspectiva da psicologia, a prática psicológica deve ser no sentido de acolhimento e de não promover a vitimização ou a patologização das pessoas envolvidas e, sobretudo, garantir a defesa dos direitos de todos promovendo um trabalho coletivo e subjetivo de conscientização.

### **3.2 A escola e sua relação com o *bullying***

De acordo com Gomes (2011) o *bullying* na escola deve ser analisado e prevenido na própria escola. Dessa forma destaca a importância da qualidade dos relacionamentos entre os professores e os alunos, afirmando que esse tema deve ser enquadrado nos conteúdos escolares.

Os professores acreditam que o *bullying* pode prejudicar o trabalho em sala de aula, especialmente porque eles veem uma ligação entre o bullying, a disciplina e as dificuldades de aprendizagem. Alguns impasses podem ocorrer quando sabem que o combate ao *bullying* não ocorre somente nas escolas, mas também com a participação do Conselho Tutelar. O problema desse conceito é o fato de que os professores não participam do que acontece nos depoimentos, nem assumem responsabilidade pelo *bullying* com os familiares (COSTA, 2011).

Um dos maiores desafios que as escolas enfrentam é assumir a responsabilidade pelo comportamento de *bullying*. Portanto, conscientizar os professores sobre esse tema e o impacto na vida de crianças e jovens é fundamental. No entanto, mesmo que a maioria dos professores tenha presenciado *bullying* durante a carreira escolar, não significa que eles saberão como identificar e intervir de forma adequada (NIKODEM; PIBER, 2011).

A violência envolve muitos fatores e não pode ser analisada de forma simplificada e reduzida. O agressor não é o único responsável pela violência, pois também é produto da violência e, portanto, vítima. Do ponto de vista social, analisar o *bullying* e a violência como um todo significa que sua compreensão se deve aos diversos conflitos causados pelas contínuas mudanças na sociedade ao longo dos anos (REIS; COSTA, 2011).

Para analisar o bullying na escola, Calbo et al. (2009) realizaram pesquisas com alunos de 5ª e 6ª séries. Os dados mostram que 26,57% das pessoas participaram de *bullying* e os comportamentos agressivos e vitimizados dos meninos tiveram pontuação mais alta. Pesquisa de Carvalho et al. (2009), em entrevistas com adolescentes, apontaram as diferentes características dos agressores, vítimas e espectadores, bem como diversos fatores que levam ao bullying, razão pela qual não existe uma fórmula pronta para desenvolver um plano anti-bullying.

Lisboa et al. (2009), por meio de uma revisão rigorosa da literatura, discutiram definições, manifestações, diferenças de gênero, papéis sociais, fatores de risco para as pessoas envolvidas no processo, possíveis causas, desencadeadores e consequências do *bullying*. Na mesma perspectiva, Francisco e Libório (2009) descobriram a existência desse fenômeno no ambiente escolar por meio de pesquisas quantitativas e qualitativas caracterizaram suas características na realidade do estudo.

Pesquisa de Cristovam et al. (2010) por meio de pesquisa por questionário com alunos do ensino fundamental, determinou a frequência do *bullying*, onde ele ocorreu mais, os motivos da violência, aceitação, busca de ajuda e conhecimento sobre punição. Os resultados mostraram que 78,8% dos alunos que participaram da atividade tiveram contato com *bullying*. As vítimas tinham mais problemas de saúde e a tendência ao suicídio era quatro vezes maior que a dos demais alunos.

Quanto à recorrência do *bullying* na escola, em uma pesquisa realizada por Kuhn et al., (2011) com estudantes do ensino fundamental, encontrou um índice expressivo desse fenômeno. De acordo com o questionário aplicado, 91% dos alunos relataram que já sofreram algum tipo de *bullying* na escola.

Segundo a pesquisa realizada por Nikodem e Piber (2011) o maior índice de *bullying* parte dos agressores do sexo masculino. Moura et al (2011) em sua pesquisa com alunos do ensino fundamental encontrou o índice de 17,6% que apresentavam comportamentos de *bullying*. Entre esses comportamentos, destacaram-se principalmente agressões verbais, seguidas de comportamentos físicos e agressões emocionais relacionados à etnia e referências sexuais.

O *bullying* geralmente está relacionado ao sexo masculino, hiperatividade e relacionamentos com colegas. Além disso, os resultados mostraram que 47,1% das vítimas também eram agressores. Stelko-Pereira, Williams e Freitas (2010) buscaram formas de ajudar a identificar o comportamento de *bullying* e seus fatores de risco no ambiente escolar através de questionário investigativo sobre a violência escolar.

Zaine, Reis e Padovani (2010) entrevistaram jovens que infringiram a lei e posteriormente participaram de medidas de educação social em regime de semiliberdade e liberdade assistida. Os resultados mostraram que estavam mais envolvidos no *bullying* como agressores do que como vítimas. Além disso, a frequência de alvos e agressores de *bullying* relatados por jovens em semiliberdade é maior do que aqueles em liberdade assistida. Essa pesquisa mostra, também, que é necessário mapear características relacionadas ao *bullying* para considerar estratégias de prevenção e intervenção. Portanto, as escolas precisam estar atentas a esses fatores para lidar com esse fenômeno.

Bernardini e Maia (2010) apontaram através de pesquisas realizadas por grupos focais com professores que estes entendem que a solução para o *bullying* não é apenas responsabilidade do professor, sendo necessário também o envolvimento do Conselho tutelar é fundamental. Por sua vez, Costa (2011) apontou que a sociedade precisa levar a sério as questões relacionadas ao *bullying*, obrigando escolas, pais, alunos e educadores a se responsabilizarem pelos incidentes relacionados a esse fenômeno.

Esses estudos destacam a importância de trabalhar com educadores, pois eles têm um relacionamento próximo com os alunos no cotidiano escolar e podem detectar o *bullying*. Ressaltaram a responsabilidade da escola que precisa cooperar com os familiares para agirem e criar espaço de convivência saudável.

#### **4. Resultado e discussões**

As consequências do *bullying* escolar mostram o papel das escolas em oferecer oportunidades para que os alunos vivam juntos de maneira saudável. Além dos efeitos físicos, o *bullying* escolar também pode produzir sequelas psicológicas, que podem estar relacionadas ao risco de suicídio.

O *bullying* é um fenômeno complexo que requer análise social. Esse tipo de discussão é crucial. Reis e Costa (2011) discutiram a relação entre *bullying* e a contemporaneidade por meio de uma revisão da literatura. Os resultados mostram que esse fenômeno é resultado de diversos conflitos causados pelas constantes mudanças na sociedade ao longo dos anos.

A pesquisa de Vieira et al. (2009), apontou a fragilidade da sociedade atual. O estudo enfatiza a violência no meio social e sua relação com tiroteios em escolas. O autor enfatiza a falha no atendimento aos adolescentes antes que seus problemas levem a massacres. Isso mostra a importância do apoio social às vítimas de *bullying* escolar.

Pesquisas mostram que a violência não pode ser analisada de forma simplificada, exigindo reflexão sobre as mudanças sociais e a forma como as relações são formadas. Nesse sentido, a violência escolar e os palavrões são vistos como uma extensão dos problemas sociais. Portanto, as políticas de combate ao *bullying* devem considerar a violência e suas raízes do ponto de vista social.

Avaliações de artigos científicos publicados em periódicos nacionais indicam que o *bullying* escolar está se tornando cada vez mais importante nas publicações científicas. O aumento massivo de publicações ao longo dos anos prova isso. Além disso, é possível reconhecer os interesses de diferentes áreas do conhecimento neste tema, como pediatria, psicopedagogia, psicologia, direito, educação física e pedagogia. Isso demonstra a necessidade de estudar o tema a partir de diferentes métodos, objetivos e focos.

Para identificar e explorar a definição de *bullying* e sua ocorrência nas escolas brasileiras, muitas pesquisas têm sido realizadas. Esse fenômeno, embora antigo, vem sendo estudado em âmbito nacional recentemente. Publicações envolvendo pesquisas empíricas indicam que escolas, famílias e a sociedade ainda apresentam dificuldades em identificar e compreender essa situação e trabalhar na perspectiva da intervenção e prevenção do *bullying* escolar.

Reconhecer a complexidade desse fenômeno e seus efeitos nocivos sobre as pessoas exige que esse tema continue sendo objeto de discussão, especialmente a partir de pesquisas empíricas.

O estudo de Diorio e Oliveira (2011) defendeu a importância da intervenção dos educadores psicológicos nas relações interpessoais dos alunos por meio de um questionário “*survey*” com alunos do ensino fundamental. Cortez e col. (2011) afirma que o diário presencial da intervenção de terapia ocupacional escolar mostrou que as atividades realizadas possibilitam aos jovens refletir sobre a dinâmica da violência e as estratégias de enfrentamento, que pode ser a possibilidade do *bullying* no trabalho de combate. A revisão bibliográfica realizada por Gomes (2011) apontou outra possibilidade, enfatizando que o *bullying* deve ser considerado um conteúdo escolar.

A necessidade de formulação de políticas públicas é objeto de discussão teórica em Vieira (2009). Russell (2011) estudou políticas e programas projetados para promover a segurança de alunos que sofrem de homofobia. Ao responder ao questionário, os gestores das escolas também apontaram ações voltadas para a redução da violência (CARVALHO; SILVA, 2011). Os educadores revelaram que é necessário envolver todos os setores da sociedade na construção das políticas públicas (LIMA et al., 2011). Checa (2011) também encontrou alguns resultados que indicam que políticas públicas envolvendo os professores têm sido formuladas, pois, de acordo com a pesquisa, existe uma crise de autoridade docente.

Diante da complexidade do fenômeno *bullying* escolar, não há uma fórmula pronta ou uma intervenção específica do psicólogo que possa resolver essa questão. É importante ressaltar que as demandas devem ser analisadas de forma individuais, entendendo-se os mais diversos aspectos envolvidos em cada caso.

Dessa forma, uma das práticas na prevenção do *bullying* consiste na intervenção grupal. A intervenção grupal é reflexiva e considerada fator da aprendizagem, conforme destacado por Zimerman (1997), e segue o seguinte objetivo: compreender, ouvindo as necessidades dos alunos em um espaço que respeita as diferenças, potencializando a autoestima e a autovalorização; resolver problemas relacionados à adolescência e problemas atuais encontrados na classe; identificar fatores de risco e fortalecer os fatores de proteção pessoal e escolar; fornecer um espaço de comunicação que respeite o tempo de cada um e as diferenças pessoais e os pontos comuns.

O objetivo da formação de um grupo é proporcionar aos alunos a oportunidade de se tornarem membros do grupo, constituindo um espaço no qual possam esclarecer as tensões geradas pelas atividades, relações com professores e colegas. O grupo constitui um espaço de explicação de crenças e valores, permitindo aos alunos vivenciar experiências diversas, construindo assim a cognição cultural e social. Portanto, sem refletir sobre esses conceitos, a atitude não pode ser mudada (FERREIRA, 2010).

O aconselhamento é outra técnica apontada na literatura que se torna eficaz na prevenção do *bullying*. Especialmente no campo da educação, visa promover uma melhor adaptação dos alunos para desenvolver o seu potencial. De acordo com a pesquisa de Scheffer (1993), o aconselhamento é uma forma de intervenção que visa proporcionar diversas possibilidades de mudança de atitudes e comportamentos, buscando resolver diversos problemas (educacionais, interpessoais, sociais) e desenvolver habilidades e recursos pessoais para a resolução dos problemas apresentados.

De acordo com Trindade e Teixeira (2000), o aconselhamento é uma relação útil que ajuda os alunos a se adaptarem a situações emergentes. Seu objetivo é promover o bem-estar e a autonomia nos momentos de dificuldade. É necessário direcionar recursos e atividades adaptativas para estabelecer um manejo adequado à situação que eles apresentam. Pensando desta forma, o foco do aconselhamento está na subjetividade, potencialidades do indivíduo e nos aspectos psicológicos. De acordo com o conflito emergente, seu desenvolvimento pode ser melhorado de alguma forma. Apresenta-se dessa forma como uma atividade de educação, prevenção, apoio e situacionais voltadas para a solução de problemas (SCHEEFFER, 1993).

Marinho-Araujo e Almeida (2010) afirmam claramente que o trabalho de prevenção nas escolas deve "provocar a re-significação das demandas e criar novos espaços para interlocução e circulação de falas e discursos dos sujeitos" (p. 27). A criação desses espaços de diálogo deve ser realizada com os alunos. O espaço de falar, discutir, lidar com experiências comportamentais e emocionais reflete um movimento que muda a vida dos participantes do grupo e de todo o ambiente escolar. Ou seja, deve-se considerar que a preocupação com a mitigação e prevenção está consubstanciada no sistema e no indivíduo, pois ambos afetarão a construção do espaço do qual participam.

Sant'Ana, Costa e Guzzo (2008) apontam que as escolas têm poderes institucionalizados para cuidar da vida de crianças e jovens. Portanto, deve oferecer condições e cuidados propícios ao desenvolvimento social e psicológico saudável.

Nesse sentido, a psicologia visa criar um espaço de diálogo, expressando demandas coletivas e individuais por meio de um trabalho voltado para a melhoria dos fatores de proteção que as escolas podem ter, como as redes de apoio de defesa, além de ouvir e resolver os problemas que ocorrem.

Segundo pesquisas de Moreira e Guzzo (2014), as intervenções no ambiente escolar devem abranger todos os envolvidos. Isso reflete na importância de trabalhar com famílias, professores, crianças e jovens. Assim, as ações desenvolvidas na escola constituem uma intervenção global, embora algumas atividades sejam dirigidas a públicos específicos, têm impacto em todos os participantes na instituição.

## 5. Considerações finais

O presente estudo demonstrou os desafios e apontou alguns caminhos para o enfrentamento do *bullying* no contexto escolar, demonstrando a importância de atuar de forma abrangente, envolvendo os pais, os professores, os alunos e a comunidade escolar frente a esse fenômeno.

Para tornar o espaço repleto de vitalidade, principalmente para os grupos, devido aos conflitos interpessoais proeminentes, devem ser realizadas atividades de reflexão e construção, sobretudo ao nível das competências sociais. As habilidades sociais priorizarão possíveis medidas e adotarão respostas e comportamentos decisivos, ao invés de mostrar atitudes passivas ou negativas. Nesse sentido, os recursos dos jovens e as mudanças nas habilidades e competências pessoais são relevantes para tentar superar qualquer comportamento de risco.

Conclui-se que as atividades devem ser planejadas prioritariamente no âmbito da prevenção do *bullying*, de forma a desenvolver aspectos e relacionamentos saudáveis, tornando a escola um ponto de encontro da cultura e da diversidade. O trabalho deve ter como foco o alívio das dificuldades e a promoção da saúde mental. Deve-se ressaltar a importância da criatividade no processo de intervenção para criar espaço para atender plenamente os sujeitos e suas necessidades. Deve-se adotar estratégia flexível e significativa no ambiente escolar.

Como sugestão na prevenção do *bullying*, deve-se proporcionar um local de proteção aos alunos no espaço escolar. Como estratégia, é preciso envolver todos os participantes da escola em intervenções que gerem vitalidade e entendam o papel de cada um. Além disso, deve-se evitar o mal-entendido de que certas situações não têm solução. Ao buscar um ambiente saudável que priorize a saúde social e mental, o comprometimento de cada integrante pode ser um grande diferencial.

Cada processo de intervenção na escola requer um certo grau de flexibilidade que deve ser implementado por meio de diferentes relações e conexões mútuas. Os resultados do trabalho devem ser atribuídos a essa característica e a um posicionamento positivo, que pode levar as pessoas a explorar ativamente as intervenções e suas práticas, minimizando e excluindo os impactos do *bullying* na vida dos alunos.



## Referências

BERNARDINI, C. H; MAIA, H. *Bullying* escolar: uma análise do discurso de professores. **Polêmica**, 9(2), 99-104, 2010.

BRASIL. **Lei Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática Bullying. Presidência da República, 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/13185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13185.htm). Acesso em: 27 de Jun. 2020.

CALBO, A. S; BUSNELLO, F. B; RIGOLI, M. M., SCHAEFER, L. F; KRISTENSEN, C. H. *Bullying* na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos Clínicos**, 2(2), 73-80, 2009.

CARVALHO, A. A. L; SILVA, M. L. O *bullying* e a gestão democrática de escolas públicas. **Olhares Plurais - Revista Eletrônica Multidisciplinar**, 1(4), 81-98, 2011.

CARVALHO, M. R; TRUFEM, S. F. B; PAULA, R. A. C. O *bullying* entre adolescentes: estudo de caso em duas escolas particulares na cidade de São Paulo e Campinas [Versão eletrônica]. **Pesquisa em Debate**, edição especial, 2009.

CHECA, M. P. Violência escolar: as diversas expressões da violência e as políticas de contenção nas escolas públicas municipais de Itaberaba. **Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá**, 3, 48-60, 2011.

CÔRTEZ, C; GONTIJO, D. T; & ALVES, H. C. Ações da terapia ocupacional para a prevenção da violência com adolescentes: relato de pesquisa. **Revista de Terapia Ocupacional**, 22(3), 208-215, 2011.

COSTA, Y. F. *Bullying*: prática diabólica e direito à educação. **Espaço Jurídico**, 12(2), 135-154, 2011.

CRISTOVAM, M. A. S; OSAKU, N. O; GABRIEL, G. F. C. P; ALESSI, J. R. D. Atos de *bullying* entre adolescentes em colégio público de Cascavel. **Adolesc. Saúde**, 7(4), 46-54, 2010.

DIORIO, P. L; OLIVEIRA, R. D. A intervenção psicopedagógica nas relações interpessoais entre os alunos: uma pesquisa sobre o *bullying* na escola de ensino fundamental de Cachoeira de Itapemirim. **Revista Científica Indexada Linkania Júnior**, 1(1), 2-30, 2011.

FERREIRA, V; ROWE, J. F; OLIVEIRA, L. A. Percepção do professor sobre o fenômeno *bullying* no ambiente escolar. **Unoesc & Ciência**, 1(1), 57-64, 2010.

FRANCISCO, M. V; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre *bullying* entre escolares do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 200-207, 2009.

GOMES, P. B. *Bullying*: um desafio para nossas escolas. **Revista Querubim**, (14), 1-11, 2011.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório nacional: pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem: Talis 2018**. Brasília: Inep, 2019.

KUHN, Q. L; LYRA, L. R; TOSI, P. C. S. Bullying em contextos escolares. **Unoesc & Ciência - ACHS**, 2(1), 49-62, 2011.

LIMA, C. C; OTANI, N; HELOU, A. R. H. A. *Bullying* na percepção da equipe técnica das escolas estaduais de Criciúma - SC. **Interlink**, 2(2), 69-84, 2011.

LISBOA, C., BRAGA, L. L.; EBERT, G. O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidade de intervenção. **Contextos Clínicos**, 2(1), 59-71, 2009.

LOPES, A. A., Neto. (2005). *Bullying* - comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, 81(5), 164-172, 2005.

MALTA, D. C; SILVA, M. A. I; MELLO, F. C. M; MONTEIRO, R. A; SARDINHA, L. M. V; CRESPO, C; CARVALHO, M. G. O; SILVA, M. M. A; PORTO, D. L. *Bullying* nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde de Escolar (PeNSE), 2009. **Ciência e Saúde Coletiva**, 15(2), 3065-3076, 2010.

MARCOLINO, Emanuella de C. et al. *Bullying*: prevalência e fatores associados à vitimização e agressão no cotidiano escolar. **Texto Contexto Enferm**, v. 27, n.1, 2018.

MARINHO-ARAÚJO, C. M.; ALMEIDA, S. F. C. de. **Psicologia Escolar**: construção e consolidação da identidade profissional (3ª ed.). Campinas, SP: Alínea, 2010.

MATA, Alba C. S. **Enfrentamento da violência na escola: reflexões a partir da Psicologia Escolar**. In: *Psicologia e Educação Rev. Diálogos Psicologia Ciência e Profissão*. Conselho Federal de Psicologia v.15, n.11, 2019.65-71.

MOREIRA, A. P. G.; GUZZO, R. S. L. Situação-limite na educação infantil: contradições e possibilidades de intervenção. **Psicologia: Teoria e Prática**, 15, 188-199, 2013.

NIKODEM, S; PIBER, L. D. Estudo sobre o fenômeno *bullying* em escolas do ensino fundamental e médio da região noroeste do RS. **Vivências**, 7(12), 105-121, 2011.

PINHEIRO, F. M. F; WILLIAMS, L. C. A. Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, 39(138), 995-1018, 2009.

REIS, F. R. H; COSTA, D. I. *Bullying*: a ausência de enfrentamento e sua relação com a contemporaneidade. **Revistaimagem**, 1(1), 8-16, 2011.

RUSSELL, S. T. Challenging homophobia in schools: policies and programs for safe school climates. **Educar em Revista**, (39), 123-138, 2011.

SANT'ANA, I. M.; COSTA, A. S.; GUZZO, R. S. Escola e vida: compreendendo uma realidade de conflitos e contradições. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 2(2), 302-311, 2007.

SCHEEFFER, R. **Teorias de aconselhamento**. São Paulo: Atlas, 1993.

SILVA, A. P. Percepção de docentes a respeito da prática de *bullying* na escola [Versão eletrônica]. **Revista Facitec**, 4(1), 2010.

STELKO-PEREIRA, A. C. S; WILLIAMS, L. C. A; FREITAS, L. C. Validade e consistência interna do questionário de investigação de prevalência de violência escolar - versão estudantes. **Avaliação Psicológica**, 9(3), 403-411, 2010.

TORTORELLI, M. F. P; CARREIRO, L. R. R; ARAUJO, M. V. Correlações entre a percepção da violência familiar e o relato de violência na escola entre alunos da cidade de São Paulo. **Psicologia: Teoria e Prática**, 12(1), 32-42, 2010.

TREVISOL, M. T; DRESCH, D. Escola e *bullying*: a compreensão dos educadores. **Revista Múltiplas Leituras**, 4(2), 41-55, 2011.

TRINDADE, I; TEIXEIRA, J.A.C. Aconselhamento psicológico em contextos de saúde e doença – Intervenção privilegiada em psicologia da saúde. **Revista Análise psicológica**, v.18, n.1, Lisboa, 2000.

VIEIRA, P. R. Violência no meio escolar. **Revista do Ministério Público do Estado de Goiás**, (17), 59-62, 2009.

VIEIRA, T. M; MENDES, F. C. C; GUIMARÃES, L. C. De Columbine à Virgínia Tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 22(3), 493-501, 2009.

ZAINE, I; REIS, M. J. D; PADOVANI, R. C. Comportamentos de *bullying* e conflito com a lei. **Estudos de Psicologia**, 27(3), 375-382, 2010.

ZEQUINÃO, Marcela A. et al. **Bullying escolar**: um fenômeno multifacetado. *Educ. Pesqui.* v. 42, n. 1, 2016. 181-198.

ZIMERMAN, D. E. - **Como Trabalhamos com Grupos**. Editora Artes médicas, POA, 1997.